



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2783 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

UM GRUPO DE DANÇA QUE FAZ DA SOCIABILIDADE SEU CURRÍCULO ESCOLAR.

Patrícia Gama Temporim - UFF - Universidade Federal Fluminense
Agência e/ou Instituição Financiadora: -

O texto aqui apresentado refere-se parte da pesquisa realizada com o grupo "Vem Dançar – Talentos para Vida", da Escola Municipal de Educação Básica "Galdino Theodoro da Silva". Através de conversas com os participantes deste grupo, produzo narrativas sobre os diferentes sentidos produzidos pelo "Vem Dançar – Talentos para Vida". Neste sentido, busco pensar o papel da escola e suas múltiplas possibilidades dos currículos em redes e suas significações através desta experiência do grupo de dança. A pesquisa se organiza metodologicamente através de conversas tecidas e o aporte teórico é conduzido com autores que estudam os cotidianos. Busco investigar os sentidos e conhecimentos que são produzidos nesse grupo dentro de um campo de disputas e coexistências, os currículos prescritos e os vividos na escola. Discuto as produções do grupo em um movimento que afirma e discute ideias, amizades, afetividades, afinidades, coletividade, respeito, interesses, companheirismo, solidariedade, alteridade e emancipação, isto é, conhecimentos em redes e para a vida. Considero que através dessa pesquisa podemos pensar a escola como um espaço de partilha e cuidado com a vida das pessoas que nela estão.

Entre sala de aula, projetos, ensaios e apresentações, são 15 anos que Xaxado e Digão - nomes artísticos de Janivaldo e Rodrigo, respectivamente - compartilham sonhos com a professora Viviane. Há 15 anos ela coordena um grupo de dança em uma escola pública no Espírito Santo e faz de ex-alunos seus companheiros e amigos no grupo e na vida. Instigada pela pesquisa com os cotidianos escolares, busquei contato com esses ex-estudantes para entender o que é o "Vem Dançar – Talentos para Vida" na vida deles.

Digão e Xaxado foram alunos da professora Viviane no 5º ano (ensino fundamental), em 2003, e a acompanham até hoje. Isso é, são ex-alunos que permanecem no convívio da professora e do grupo de dança. Eles participaram de todos os musicais, desde o início. Relatam que os musicais do "Vem Dançar – Talentos para a Vida" envolve canto, dramatização com textos, porém a dança é o pronto forte dos espetáculos.

Xaxado, hoje com 25 anos e ex-estudante do Galdino e ainda participante do "Vem Dançar – Talentos para a Vida" apresenta um posicionamento muito pontual quanto à escola:

A escola só fala que o aluno tem que estudar e mais nada! Ensina regra de três e pronto! A escola tem que entender que hoje, tem tudo na internet. Ela (a escola), não diz que o mundo lá fora é diferente... A pessoa estuda e acha que vai chegar no mercado de trabalho, arrumar um emprego, ganhar mil conto e viver leve e feliz. Para mim, a vida fora da escola é outra coisa.

Essa epifania apresentada por Xaxado reflete as experiências de um estudante de classe trabalhadora que anseia por melhores possibilidades de vida e conhecimento a partir da escola. Continuando a conversa, ele mesmo evidencia as interações que o "Vem Dançar – Talentos para a Vida" proporciona,

A partir das conversas, uma rede de afetos produzida a partir de pessoas que acreditam que a escola é um espaço de conhecimento, construções, vivências e respeito. A afetividade apresentada pelo relacionamento respeitoso contagia o outro e chega em outras pessoas.

A partir das conversas, revela-se uma rede de afetos, produzida a partir de pessoas que acreditam na escola como espaço de conhecimento, produções, vivências e respeito. A afetividade apresentada pelo relacionamento respeitoso contagia o outro e chega a mais pessoas. Pensar os cotidianos é pensar os afetos. A professora Janete Magalhães diz que "nas práticas cotidianas, tende-se a não ouvir a voz das crianças e dos adolescentes, desconsiderando a sua palavra" (CARVALHO, 2011, p. 1588).

Para Xaxado, de tudo que vivenciou com os colegas do grupo de dança, o que mais tem significado para si é a "palavra". Segundo ele, *com a tecnologia, a palavra se perdeu. Coisa tem valor, pessoa não. As pessoas não confiam nas outras. Com o grupo eu aprendi a confiança na palavra.*



Figura 1: *Eu aprendi a confiar*

Foto: Acervo da pesquisadora

Compreendo que, com o grupo de dança, Xaxado encontrou na "palavra" um sentido novo, diferente daquele atribuído no contexto de muitas escolas. Na tradição africana, a palavra tem poder de atitude mediante a realidade: "A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas" (VANSINA, 2010, p. 140). Assim, CARVALHO (2011) enfatiza: "necessário é, portanto, permitir que os praticantes do currículo tomem a palavra" (p. 1588).

Em conversas, rememoraram que o espetáculo "Vem Dançar - 1" narra a história de uma escola de dança clássica onde um jovem infrator da lei paga uma pena alternativa. O jovem fica observando as danças e as relações que são constituídas no decorrer desse número artístico. Ele se oferece para ajudar a professora de dança cujo par se machucara. O rapaz, oriundo da periferia, não sabe dançar música clássica e tem preferências por hip-hop. Entre as diferenças e o convívio, ao final do espetáculo, o casal chega a um consenso e apresenta um espetáculo que une o clássico e o ritmo do hip-hop.

Despertando debates entre o "clássico" e o "popular", diferenças sociais e racismo, o "Vem Dançar 2" é a continuação do "Vem Dançar -1", ambos evidenciam a diferença nas disputas por espaços sociais. Segundo Digão e Xaxado, o jovem rapaz que se inseriu na escola de dança no espetáculo anterior ganhou bolsa de estudos para continuar com as aulas, porém desejava inserir também seus amigos da rua do grupo de hip-hop. Ao longo da trama do espetáculo, o grupo de amigos que dançava hip-hop conseguiu se inserir na escola de dança clássica. O "Vem Dançar - 2" representou a oportunidade de acesso à escola de dança, para estudantes da classe trabalhadora, até então excluídos dessas oportunidades. Ao final do espetáculo, os bailarinos que dançavam música clássica e os que dançavam hip-hop chegaram a um consenso e, novamente, as diferenças dos gostos musicais deu espaço a uma aproximação e os grupos apresentaram um único espetáculo de dança.

Durante sete anos, por questões diversas, a professora ficou sem produzir os musicais. Após esse período sabático, montou-se o "Vem Dançar - 3" e, novamente, com a temática de disputa entre dois grupos dentro da escola de dança. Esse espetáculo evidencia as relações que se estabelecem na dança clássica, hip-hop e funk e traz à discussão a arte da periferia, notadamente, os discursos de discriminação que privilegiam uma cultura e não outra.

No início de 2017, o grupo apresentou o quarto musical da série "Vem Dançar". Nesse espetáculo, discutiu-se a temática do acolhimento do estrangeiro, figurado na personagem de um professor de espanhol que teve dificuldade, a princípio, de ensinar o *passo-doble* a estudantes de classe popular. Um bela discussão sobre xenofobia, aceitação, aprendizagem e outros sentidos que compõem o glossário das diferenças.

Na produção dos espetáculos "Vem Dançar – Talentos para a Vida", muitas pesquisas e novos conhecimentos são tecidos entre os estudantes, mas esses conceitos nem sempre reconhecidos como essenciais na constituição da vida humana e acadêmica.

Na introdução do livro "Ensinando a transgredir – a educação como prática de liberdade", bell hooks aponta que "Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporcione espaço para as mudanças, a invenção" (hooks, 2017, p. 21).

No final do ano de 2017, os jovens que compõem o grupo "Vem Dançar – Talentos para a Vida", junto à professora Viviane, montaram uma adaptação musical do filme "Hairspray, em busca da fama". Esse filme foi lançado no ano de 2007 e traz no roteiro temáticas como o racismo e a gordofobia. No apogeu da segregação racial dos anos 60 nos Estados Unidos, uma jovem, fora dos padrões da beleza da magreza, tinha um sonho de ser artista em um programa de televisão e, nessas circunstâncias, une-se a outras pessoas desfavorecidas, os negros que também não tinham oportunidade de se apresentar no programa da TV. Tracy, a personagem principal, junto ao grupo de negros, lutou e protestou contra a segregação racial.

Foram várias apresentações no mês de outubro de 2017 e, após uma dessas apresentações, conversei com Laura, estudante do 7º ano do ensino fundamental da EMEB "Galdino Theodoro da Silva" e bailarina do grupo. Assim, ela manifestou sua opinião sobre a temática do espetáculo:

Racismo e gordofobia, são assuntos que precisam ser falados na escola, e muito! As pessoas não sofrem discriminação só porque é gordinho, sofrem discriminação por tudo: se é magrinho, baixo, alto, gordão, negro ou "leitinho", branquinho demais! As pessoas precisam parar com isso! Isso é muito ruim! As pessoas sofrem em todo lugar, nas escolas, no bairro... Eu mesma já sofri racismo e sei como é!

Laura, rapidamente, lembrou como a escola cuida desse assunto: *uma vez foram alunas de Pedagogia falar sobre preconceito, mas foi rapidinho. É mais fácil entender com o teatro do que palestras. Discriminação na escola é tratada quando é praticado por alguém.* Já Lorryane, sua amiga e também estudante do Galdino, disse: *na escola preconceito é tratado assim: quem ofendeu vai para a coordenação e os responsáveis são chamados. Às vezes, o Conselho Tutelar dá palestra sobre o assunto.*

Nos recreios, intervalos, no caminho da escola, nas redes sociais, os próprios estudantes discutem sobre esses assuntos, trazendo, assim, currículos vivenciados e debatidos na composição dos temas considerados importantes nas rodas de conversas. O que Laura e Lorryane talvez quisessem exemplificar foi que a escola não "para" ou não realiza uma "aula" sobre esse assunto, mas que no cotidiano das práticas vivenciadas isso faz parte da pauta das conversas entre eles. São assuntos que não são ouvidos e que não estão prescritos nos currículos oficiais, porém são discutidos nas conversas entre os estudantes, isto é, fazem parte de um currículo vivo.

Ao apresentar as práticas cotidianas dos estudantes do grupo de dança, ponto que não é possível a fragmentação dos saberes, dicotomizados ao longo do tempo como herança da Ciência Moderna.

Em uma conversa sobre a escola, Xaxado me perguntou: *você não percebeu?* E ele mesmo respondeu: *vivemos na vida real as mesmas coisas que as personagens dos musicais vivem. Somos as personagens!* Confesso que depois disso fiquei sem fala, apática, coração desacelerado e profundamente reflexiva. Nesse momento, Xaxado escolheu não se calar. O que Xaxado disse, hooks certifica: "ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento" (2016, p. 58).



Figura 2: Xaxado e Digão: Ficção e realidade se misturam

Foto: Acervo da pesquisadora

As redes de conhecimentos produzidas pelos estudantes e professores evidenciam novos conhecimentos geográficos, artísticos e culturais. Isso se torna possível quando professores como Viviane tomam a iniciativa de romper com as lógicas de padronização.

Compreendo que precisamos trilhar muitos caminhos, "às vezes regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo" (CERTEAU, 2014, p. 35) para acharmos pistas para muitas perguntas.

REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Janete Magalhães. **Currículo e práticas cotidianas em redes de conversações: o falar** Revista EdUECE, Ceará, 2011. p. 01587-01598. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/184-%20CURR%C3%8DCULO%20E%20PR%C3%81TICAS%20COTIDIANAS%20EM%20REDES%20DE%20CONVERSA%C3%87%C3%95ES%20O%20FALAR.pdf>>. Acesso em: 11 de março de 2018.

_____. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: D P e Alii, 2009.

CARDOSO, Juliano Antunes. et al. **O flautista de Hamelin: A leitura na sala de aula de três adaptações sobre a lenda alemã**. In: Congresso COLE. Campinas: 2009. p. 419. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anal17/cadernodeatividades.pdf>. Acesso em: 11 de março de 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidianos I**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2017.

VANSINA, Jean. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, J.(coord.) Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. 140.